

HETEROTOPIAS

Diego Kern Lopes

PPGA/UFES /CAPES

Palavras-chave: *heterotopia – hegemonia – dispositivo - instituição*

O presente trabalho¹ tem por objetivo reletir sobre o conceito de “heterotopia” e “dispositivo” de Michel Foucault. Essa releitura terá como apoio os conceitos, (e aqui postulados) da filósofa Chantal Mouffe, de que (1) a sociedade é o resultado de uma série de práticas cujo propósito é estabelecer uma ordem em um contexto contingente e (2) que a ação crítica deve esforçar-se em questionar e desarticular estas práticas e discursos hegemônicos (MOUFFE, 2008).

No texto “Outros espaços” (FOUCAULT, 2009), Foucault apresenta uma breve história sobre as mudanças ocorridas na noção de espaço. Inicia descrevendo que na Idade Média o espaço era percebido como hierarquizado em função dos lugares. Estruturas dialógicas indicavam a situação espacial, o mundo dividia-se, por exemplo, em lugares sagrados e lugares profanos, lugares protegidos (fechados) e lugares desprotegidos (abertos), lugares urbanos e lugares rurais, lugares supracelestes e lugares celestes, lugares celestes e lugares terrestres, lugares onde as coisas haviam sido violentamente colocadas e lugares onde as coisas encontravam seu repouso natural. Segundo o autor, o espaço medieval podia ser entendido como um espaço fundamentado na localização. A partir de Galileu e de sua teoria heliocêntrica, ocorre uma mudança. Ao deslocar o centro do sistema e do universo (da Terra para o sol) o espaço torna-se infinito e ininitamente aberto (a humanidade não era mais o centro da criação). O lugar da coisa tornava-se relativo e não íxo. O espaço pas -



sava a ser percebido não mais em função da localização, mas sim, da extensão. A saída encontrada para codificar a percepção do espaço em função da extensão, foi começar a perceber o espaço em função do posicionamento. Para Foucault, “estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos” (FOUCAULT, 2009, p.413).

Apesar das mudanças de percepção do espaço (localização – extensão – posicionamento), na prática, segundo Foucault, ainda podemos perceber que o espaço não foi inteiramente dessacralizado. Certos jogos de oposição como espaço privado e espaço público, espaço da família e espaço social, espaço da cultura e espaço do útil, espaço de lazer e espaço de trabalho, ainda são tidos como naturais (não criados). No fundo, o que estes jogos de (o)posição revelam são as relações que definem os posicionamentos (nos quais vivemos), e o fato de que a análise destas relações poderia trazer à tona os elementos que, ainda, sacralizam o espaço e estruturam o mundo. Seria possível, segundo o autor, empreendermos uma lista descritiva que fosse abarcando, um por um, os tipos de relação de posicionamento existentes. Entretanto, apesar desta possibilidade, Foucault se propõe a analisar um tipo especial de relação de posicionamento (de espaço), que tem a “curiosa propriedade” de estar em relação com todos os outros posicionamentos. Este espaço pode ser dividido em duas formas: utopias e heterotopias. Segundo, Foucault:

As utopias “são posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que, fundamentalmente, são essencialmente irreais. (FOUCAULT, 2009, p.415)

Talvez pudéssemos pensar que as utopias, e suas versões negativas, as distopias, encontram sua existência nas projeções e superlativações dos ideais do discurso que constitui a sociedade. Já as heterotopias, segundo Foucault, poderiam ser conceituadas da seguinte forma:

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se po-

dem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles relembram e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias. (FOUCAULT, 2009, p.415)

O que podemos desdobrar destes conceitos (retomando Mouffe) é o fato de que os espaços heterotópicos são espaços de materialização e sedimentação de práticas hegemônicas. Em outras palavras, relações de posicionamento constituem uma hegemonia e a heterotopia é o espaço onde muitas destas (quase todas) relações, que constituem a hegemonia, se encontram. Voltando a Foucault, o autor, após expor a definição de heterotopia elenca seis princípios que estariam presentes em sua formação e existência. Dentre estes princípios, gostaríamos de destacar dois: um que relaciona a heterotopia à heterocronia, e outro que revela as características de abertura e fechamento heterotópicos.

Primeiro princípio: invariavelmente, as heterotopias estão relacionadas com recortes de tempo. Quando isto acontece, estes espaços também podem ser chamados de heterocronias. Segundo Foucault, as heterotopias só funcionam plenamente quando os homens que ali se encontram sentem-se desconectados de seu tempo tradicional (podemos elencar alguns espaços como o cemitério, o cinema, a prisão...). Essa mudança em relação ao tempo tradicional, também pode se dar de forma cumulativa. Em nossa sociedade, museus e bibliotecas são um bom exemplo de heterotopias. Nestes espaços, o objetivo é que o tempo se acumule ininatamente sobre si. Neste espaço, se pretende acumular todos os tempos, todas épocas, todos os gostos, todas as formas. Pretende-se que aí estejam todos os tempos num espaço fora do tempo e “inacessível a sua agressão, o projeto de organizar assim uma espécie de acumulação perpétua e ininita do tempo em um lugar que não mudaria” (FOUCAULT, 2009, p. 419). O segundo princípio, remete a característica que as heterotopias apresentam na forma de um sistema de abertura e fechamento, que de maneira simultânea as isola e as torna penetráveis. Em outras palavras, as de Foucault, “não se chega num posicionamento heterotópico como a um moinho” (FOUCAULT, 2009, p. 420). Existem ritos, purificações, obrigações, processos que levam até às heterotopias. Não se pode simplesmente chegar na caserna, na prisão, no templo, na

sauna, e, até mesmo, no museu. É necessário submeter-se aos processos e práticas que constituem o poder destas estruturas hegemônicas.

Estreitando o foco da análise, gostaríamos agora, de nos aproximar mais do conjunto de heterotopias (museus, galerias, universidades,...) que constituem o mundo institucional da arte, a fim de (1) verificar de que forma os conceitos e princípios até aqui trabalhados se manifestam e (2) exemplificar algumas estratégias e dispositivos utilizados por uma hegemonia. Neste sentido, antes de tudo, é preciso introduzir aqui a definição de dispositivo na teoria de Foucault. Para o autor, dispositivos são os operadores materiais do poder, ou seja, as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder. Eles se apresentam de forma heterogênea, são tanto discursos, práticas e instituições (REVEL, 2005). Nas palavras de Foucault, um dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições ilosóficas, ilantrópicas” (FOUCAULT, 2004, p. 244).

Partindo deste ponto, podemos pensar em algumas situações de clara percepção destes dispositivos. Em museus e galerias estes dispositivos, num tipo de hibridismo, se alternam entre níveis de disciplina e vigilância. Enquanto dispositivo de disciplina, o indivíduo ao entrar nestes espaços, invariavelmente, tem seu tempo e espaço esquadrihados, de tal modo que seus movimentos e atitudes ficam submetidos a uma coerção que tende a ser naturalizada pela educação. Não raro, os museus apresentam itinerários programados. Alguns centros culturais tentam, até mesmo, reproduzir uma estrutura de brete, onde o indivíduo tem um único caminho, elaborado pela instituição, a seguir. Cito como exemplo, a estrutura da Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Sua estrutura espiralada de corredores, passarelas e salas (que se alternam num jogo de “aberto” e “fechado”), praticamente só oferece um trajeto a ser feito.

Outro ponto, que muitas destas instituições compartilham são as marcações no chão que delimitam exatamente o espaço onde o indivíduo deve ficar. Tais marcações, disciplinares, são, invariavelmente, acompanhadas por um dispositivo de vigilância, o segurança (também existem os “monitores”, termo que talvez condiga mais com a própria ideia de disciplina/vigilância). É ele que age quando as marcar, os sinais, as

instruções, não se mostram eicazes. Por vezes, esse agir, esse monitorar, vigilante e institucional, ultrapassa a naturalidade a que se pretende e demonstra-se exagerado e absurdo. Por exemplo, em março de 2011, a antropóloga Marina Barão² amamentava seu filho Francisco, de um mês de idade, enquanto visitava uma exposição na Galeria do Itaú Cultural, quando foi abordada por uma monitora que lhe informou que era proibido amamentar naquele local sendo a enfermaria o local adequado para o mesmo. Tão surpreendente quanto a ação da monitora, foi a explicação dada pelo diretor do Itaú Cultural, Eduardo Saron, através de uma rede social. Saron, afirmou que, o que houve, foi um erro de comunicação. De acordo com suas palavras “o erro foi na orientação dada à monitora. Era proibido alimentar-se no local, mas não estava claro que bebês eram exceção”. É interessante destacar que em maio do mesmo ano, mais de cinquenta mães voltaram ao Itaú Cultural, e, num diálogo aberto e com o aval da instituição, promoveram um “mamaço” o que acabou fazendo com que as regras do espaço fossem revistas.

Casos como este, que também ocorreram nos EUA, acabam revelando a rede de discursos e práticas que, por meio de dispositivos, se manifesta nestes espaços. Parece claro que, o que está vindo à tona, não é o “proibido alimentar-se” ali. O que emerge destas relações são questões que expressam posicionamentos morais geradores e mantenedores de posturas que remetem ao machismo, erotismo, sexismo e discriminação. Posições que acabam expondo os limites do discurso hegemônico, mas, que ao mesmo tempo, revelam as brechas onde discursos e práticas contra-hegemônicas podem se inserir.

Neste sentido, relatamos e descrevemos, a partir de uma imagem encontrada na internet, uma ação, (cuja data e local ainda estão sendo pesquisadas) feita pelo artista Paulo Bruscky, que evidencia, de dentro pra fora, e que deixa sem reação os dispositivos de disciplina e vigilância de museus e galerias. Nesta imagem, neste registro fotográfico, o artista aparece colando, em uma parede de vidro, uma série de cartazes como o seguinte dizer: “É PROIBIDO COLAR CARTAZ”. De forma simples e potente desfaz-se o esforço institucional de esconder o conjunto de regulações que impera neste espaço. A ação faz com que essa heterotopia, minuciosamente construída como algo de harmoniosa neutralidade, desvele-se como projeto ordenado, ativo, hegemônico e teleológico. Em outras palavras, revela-se a intenção da instituição.

1 Este faz parte da dissertação de mestrado em andamento.

2 <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/maes-promovem-mamaco-em-espaco-cultural-de-sp>

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal, 2004.

_____. *Ditos e Escritos vol. III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. São Paulo: Forense Universitária, 2009.

MOUFFE, Chantal. “Crítica como intervenção contrahegemônica”. In: *Transversal*. Linz/Vienna: eipcp - European Institute for Progressive Cultural Policies, 2008. Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/0808/mouffe/es>. Arquivo consultado em setembro de 2012.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

Diego Kern Lopes: Mestrando em Teoria e História da Arte – PPGA / UFES | Especialista em Projetos Sociais e Culturais – UFRGS | Graduado em História – FAPA.